

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME LIV • 2015

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Gamo Pazos, Emilio, *Corpus de Inscripciones Latinas de la Provincia de Guadalajara*, Diputación Provincial de Guadalajara, Guadalajara, 2012, 367 pp., ilustrado [ISBN. 978-84-92502-26-4].

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_54_9

O jovem investigador Emilio Gamo Pazos oferece-nos nesta obra, galardoada em 2011 com o Prémio Provincia de Guadalajara de Investigación Histórica e Etnográfica e prefaciada por Juan Manuel Abascal (p.11-12), um trabalho sólido, na linha da publicação de *corpora* regionais de epigrafia latina, apresentando um total de 162 inscrições de vários tipos, de votivas a simples grafitos sobre cerâmica, parte das quais já anteriormente conhecidas. Esta circunstância, todavia, não limita o interesse da obra, pois é evidente que, quer a antiguidade de publicações como o *CIL* II, quer as limitações do *ILER* e a dispersão da informação disponível por uma infinidade de artigos nem sempre fáceis de consultar aconselham este tipo de estudos regionais, mesmo quando já existam, pois os progressos da investigação justificam, quando não exigem, a revisão de trabalhos já com alguns anos.

O aspecto gráfico do volume é agradável, embora a qualidade de parte das fotografias não seja a melhor, problema que se vai notando de forma crescente nas publicações arqueológicas. Um meticoloso índice geral (pp. 3-9) facilita a consulta, permitindo localizar rapidamente o que se deseja. A obra encontra-se dividida em 14 capítulos, alguns dos quais poderiam, sem prejuízo, surgir associados, como as que tratam dos princípios da publicação, signos e abreviaturas (pp. 43-54). O autor dedica também numerosas páginas aos problemas da romanização do território e à história da investigação (pp. 13-42). Não esqueçamos, e a epigrafia aqui coligida reflecte de forma clara essa circunstância, que a região que hoje corresponde à província, parte da antiga Celtibéria, era interior, desprovida de centros urbanos de relevo, cujos traços indígenas e rurais são evidentes, na teonímia e na antroponímia, embora menos na tipologia dos monumentos, realizados na maioria dos casos em materiais de origem local. Em resumo, podemos considerar tratar-se de uma epigrafia relativamente pobre, mas por isso mesmo relevante para o conhecimento desta região na época romana, povoada por numerosos grupos étnicos, maiores ou

menores, mais de uma vintena de acordo com os testemunhos epigráficos (p. 342).

Uma rápida análise das divindades clássicas conhecidas na área estudada reflecte as mesmas características de ruralidade, ou, talvez melhor, de interioridade conservadora: *Iuppiter*, *Diana*, *Liber Pater* e *Hercules*. Entre as divindades indígenas, a pouco vulgar ocorrência da deusa céltica *Epona*, protectora dos cavalos¹, parece integrar-se no mesmo ambiente próprio de um fundo populacional parcialmente romanizado (p. 343), no qual a cavalaria conheceu particular importância. Por outro lado, é de sublinhar o elevado número de gentílios romanos, 28 ao todo, não considerando, naturalmente, *Sertorius*, presente em 29 projecteis de funda (p. 339). Quanto a nós, esta notável cópia de nomes gentílios itálicos, não existindo nenhum aglomerado populacional de envergadura na região, ainda que a relativa proximidade de *Complutum* (Alcalá de Henares) se faça sentir, deve atribuir-se à presença de colonos e aos notáveis locais romanizados, uns e outros certamente representantes dos proprietários fundiários estabelecidos nas *villae* desta zona celtibérica.

Voltemos, porém, a aspectos mais gerais da obra, antes de referirmos alguns tópicos que nos parecem merecedores de maior atenção. O capítulo VII corresponde à parte mais importante do volume, o catálogo (pp. 55-294). Seguem-se as conclusões (pp. 295-302), a bibliografia (pp. 307-329), os índices onomástico e de correspondências (pp. 331-350), muito úteis, a cartografia (pp. 351-358) e as notas (pp. 359-367). O catálogo observa um princípio geográfico, contrariando a habitual exposição organizada por tipo de epígrafe, parcialmente recuperada no índice onomástico. Esta arrumação dos monumentos tem, quanto a nós, o grande inconveniente de misturar peças muito díspares, ainda que permita apreender mais rapidamente as características socioculturais na época romana de cada território municipal abrangido pela obra.² As fichas seguem o modelo da base de dados PETRAE, do *Centre Ausonius*, da Universidade de Bordéus III, que tivemos oportunidade de conhecer nos seus primeiros tempos, no saudoso *Centre Pierre Paris*, da mesma Universidade.

O catálogo inclui algumas epígrafes, oito ao todo, consideradas falsas, exóticas ou duvidosas, reunidas no final do catálogo (pp. 286-293). Uma destas inscrições existiu realmente, mas em Sagunto (*CIL* II 3859), tendo sido “trasladada” literariamente por Ceán Bermúdez, no século XIX, para reforçar

¹ J. C. Olivares Pedreño, *Los dioses de la Hispania céltica*, Madrid, 2002: 251-254; Miranda Aldhouse-Green, *The Gods of Roman Britain*, Prices Risborough, 2003: 54-56.

² Entenda-se por município a divisão administrativa espanhola, em que estas entidades podem ter uma população muito reduzida, eventualmente abaixo da centena, ditas de *concejo abierto*.

ou forçar a localização de *Segontia*. Este aspecto da invenção e usurpação de epígrafes para valorizar o passado de uma cidade ou região foi um processo normal a partir do Renascimento, recorrendo normalmente os seus autores a figuras conhecidas da história romana, como sucedeu entre nós com André de Resende e outros. Fez bem Emilio Gamo em isolar estas pseudoepígrafes, não as eliminando, pois também elas são, à sua maneira, valiosos testemunhos históricos e culturais.

Vejamos rapidamente alguns apontamentos quanto aos materiais do catálogo. Para a história militar das guerras civis dos finais da República, a numerosa série de glandes de chumbo para fundibulário, com a identificação de Sertório, representa um contributo interessante para a cartografia das campanhas desenvolvidas nesta região, encontrando-se concentradas apenas em dois locais, La Muela de Alarilla (4-14) e La Muella de Taracena (67-72), correspondentes a *oppida* tomados na campanha de 77 a. C. pelas tropas sertorianas. Todavia, outro núcleo (142-152), de origem menos definida, não foi indicado no mapa correspondente (p. 357), o que pode provocar confusões. Verdadeiramente abundante é a colecção de grafitos após cozedura, na maior parte como marcas de propriedade sobre peças de TSH, destacando-se a ocorrência de nomes gregos ou grecizantes nalgumas delas, sugerindo que todo o conjunto pertença a um grupo servil ligado às explorações agrícolas, pecuárias e mineiras da região, entre os quais havia libertos, como seriam provavelmente o *Caius Marius Melissus* de um selo de bronze achado em Aguilar de Anguita e o *Marcus Messius Abascantus* de uma inscrição funerária de La Aceña (pp. 105-106, 148-150).

A influência da rede viária na região também se reflecte na epigrafia, como Gamo não deixa de indicar. As vias da região não são bem conhecidas, e das estradas que por lá passavam apenas uma consta claramente no *Itinerário de Antonino*, um troço repetido nos dois traçados que o roteiro atribui à via *Emerita-Caesaraugusta* nesta área (It. 436.1-437-1; 438.8-438.13)³. Conhecem-se três miliários, de vias secundárias (44, 76, 127), dois dos quais perdidos. O terceiro (pp. 253-256), do imperador Décio, data do ano 250 e pertenceria a uma estrada entre *Segontia* e *Segobriga*. Na verdade, há ainda muito a investigar antes de ser possível a grande síntese sobre as vias romanas da Hispânia. Os mapas de repartição dos diferentes testemunhos epigráficos também sugerem concentrações explicáveis pela proximidade de estradas e, naturalmente, pela qualidade de recursos naturais oferecidos à exploração.

A qualidade e a tipologia de certos monumentos apontam também nesse sentido. É o caso das *cupae* e dos blocos arquitectónicos pertencentes a mausoléus, que apenas se registaram em áreas específicas, inclusive na zona de influência de *Complutum* e nas proximidades da via *Emerita-Caesaraugusta*.

³ J. M. Roldán Hervás, *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*, Madrid, 1975: 85-87.

Estas *cupae* pertencem ao tipo arciforme, bem conhecido na região de Sintra e em Mérida⁴, o que aponta para uma cronologia alta, ostentando, como no caso das primeiras, o campo epigráfico num dos topos (pp. 91-93; 155-156; 236-240). Das duas *cupae* achadas em Alcolea de Torote (119-120), existentes em 1983 e entretanto desaparecidas, uma refere o *contubernalis* de uma *Pusinca* (pequena) e outra lembra *Cornelius Marcellus*, marido de *Popillia Vegeta*, possuidora de um gentílico invulgar, apontando os dois antropónimos para um grupo social de condição superior, confirmando que a adopção deste tipo de monumentos funerários se alargou a várias camadas da população hispano-romana. Também desta zona, e mais uma vez sugerindo influências urbanas, provavelmente de *Emerita*, é a estela funerária, com decoração antropomórfica⁵, de *Lucretia Parthenope*, cuja imagem se representou no interior de um pequeno nicho ladeado por frontões (pp. 264-267).

Nesta mesma zona encontramos inscrições votivas a divindades clássicas, confirmando uma diferença na sua romanização, como é o caso de Hércules (82) e Diana (92). Uma terceira ara desta zona (128), achada no Cierro de Villavieja e conservada no Museu de Guadalajara (pp. 256-257), merece-nos uma observação discordante da leitura proposta por Gamo Pazos, que interpreta a l. 1 como um antropónimo truncado [...]*NDVS*. Ora, apesar da má qualidade da foto e do estado de conservação da ara, julgamos poder ler nessa linha o teónimo [*VIAL*]*IBVS*, reservando a l. 2 para o antropónimo e a l. 3 para a dedicatória. Considerando a proximidade de uma via importante não nos parece improvável esta proposta de leitura.

Numa zona mais afastada e aparentemente menos povoada, é interessante a presença de um pequeno santuário rural, consagrado a uma divindade indígena, a deusa *Asida* ou *Asidai*, registada em Portugal em aras da região de Alcains. Também é de notar o facto de, neste caso, em dois dos cinco monumentos achados em Espinosa de Henares se identificarem cidadãos romanos, pertencentes à mesma família (pp. 139-147). As aras não são de grande qualidade, obra de uma oficina local, notando-se uma característica comum, a inclusão da l. 1 das inscrições na moldura superior ou no capitel das aras. A noroeste desta zona, em área de forte densidade populacional, a crer no testemunho das epígrafes funerárias, achou-se o que é, talvez, o mais belo de todos os monumentos funerários recolhidos no volume de Gamo Pazos, a estela da jovem *Domitia Carica*, achada na Ermita de los Quintanares, local de uma *villa* romana (pp. 228-229), peça de notável estética arquitectónica,

⁴ T. Nogales Basarrate, J. L. Ramírez Sádaba e J. M. Murciano Calles, “Las cupae del territorium Emeritense”, in J. Andreu Pintado (ed.), *Las Cupae Hispanas*, Saragoça, 2012: 349-368; Ricardo Campos, “As cupae do ager Olisiponensis”, in J. Andreu Pintado (ed.), *Las Cupae Hispanas*, Saragoça, 2012: 449-474.

⁵ J. Edmondson, T. Nogales Basarrate e W. Trillmich, *Imagen y Memoria. Monumentos funerarios con retratos en la Colonia Augusta Emerita*, Madrid, 2001.

ostentando um frontão decorado com golfinhos e roseta. Tudo leva a crer tratar-se de peça produzida numa oficina urbana que, como entre nós sucedeu com algumas das estelas da Quinta de Marim⁶, teve a inscrição, não muito boa, gravada posteriormente.

Não desejamos prolongar demasiado esta apreciação da obra e de alguns dos seus contributos. As conclusões (pp. 295-302), sóbrias, desenvolvem alguma da problemática suscitada pelos monumentos. A ausência dos *Iulii*, gentílico de que se conhecem apenas dois testemunhos (62, 153), um deles através de um grafito, merecia alguma atenção, tanto mais que a antroponímia itálica é abundante. Também julgamos que não se deve falar de revitalização tardia dos cultos indígenas (p. 298), uma vez que se trata de um fenómeno generalizado, representando sobretudo os progressos da romanização, inserindo os cultos indígenas nas práticas romanas, fenómeno bem avançado no século II. Dezanove páginas de bibliografia (pp. 307-328) comprovam a amplitude da investigação desenvolvida pelo autor, actualizada e pertinente. Uma palavra de novo sobre a cartografia (pp. 351-358), que ganharia em ter escala e uma ou outra indicação geográfica para apoio de quem não conhece a região. Seja como for, resulta elucidativo reunir numa folha transparente as várias informações disponibilizadas, o que destaca claramente algumas das características essenciais do povoamento regional. O volume termina com notas (pp. 359-367), destinadas no fundamental a esclarecer um ou outro ponto do texto e a completar referências. Uma última consideração, neste caso sobre a transcrição da letra U nas palavras latinas, que ficaria menos confusa, nalguns casos, se fosse grafada na forma tradicional em V.

Assim, reconhecemos o indiscutível valor deste volume e a capacidade do autor em conduzir uma pesquisa dificultada pela diversidade de materiais, cujo contexto original nem sempre foi fácil determinar, sublinhando que os aspectos que nos parecem criticáveis em nada invalidam o conjunto da obra, doravante incontornável instrumento de trabalho para quem desejar ocupar-se da romanização desta região do interior da Hispânia.

Vasco Gil Mantas

⁶ José d'Encarnação, "IRCP, 25 anos depois", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11, 2, 2008: 215-230.